

A PRODUÇÃO HISTORIOGRÁFICA BRASILEIRA SOBRE O MOVIMENTO OPERÁRIO FORA DO EIXO RIO- SÃO PAULO

Sílvia Regina Ferraz Petersen - UFRGS.

O trabalho integra a pesquisa “*O regional, o nacional e o internacional no movimento operário brasileiro: novas questões de pesquisa*” (bolsa PC/CNPq), cuja hipótese é que a investigação sobre a história operária no Brasil poderia alcançar um patamar nacionalmente mais representativo ou localmente mais específico se houvesse o diálogo efetivo entre a bem conhecida e abundante historiografia referente ao eixo central dessa história (Rio de Janeiro e São Paulo) e a que aborda o tema nos demais estados e mesmo no exterior. Esta proposta de pesquisa me levou a buscar e reunir a bibliografia (que não imaginava tão numerosa) sobre a história operária nos vários estados brasileiros, excetuando Rio de Janeiro e São Paulo, cuja produção historiográfica é abundante, muito conhecida e bem divulgada através de obras de referência, bibliografias temáticas, etc. Salvo melhor juízo, não existe um trabalho que reúna a produção dos demais estados e creio que o meu poderá ser de muita utilidade para os pesquisadores do tema, especialmente os que se interessam em alargar o âmbito da história operária para além do eixo central. A comunicação visa divulgar o trabalho e fazer comentários sobre algumas características mais evidentes dessa bibliografia, na esperança de que ela possa ser substancialmente ampliada e enriquecida com indicações e sugestões. A bibliografia atualmente compreende cerca de 569 títulos sobre os seguintes estados: Acre (1), Alagoas (14), Amazonas (14), Bahia (47), Ceará (21), Espírito Santo (2), Goiás (4), Maranhão(1), Mato Grosso (9), Minas Gerais (36), Pará (8), Paraná (36), Paraíba (10), Pernambuco (42), Piauí (1), Rio Grande do Sul (277), Rio Grande do Norte (5), Santa Catarina (26) e Sergipe (15). O grande número de trabalhos sobre o Rio Grande do Sul pode se explicar, em parte, por meu maior contato com tal bibliografia; de qualquer forma,

a diferença quantitativa é muito grande para ser essa a única explicação e certamente uma das razões se deve ao interesse que a história do trabalho no RGS desperta entre os pesquisadores.

Da maioria desses 569 trabalhos, só conheço os títulos ou *abstracts*, especialmente os artigos publicados em revistas acadêmicas locais, cuja circulação em geral é muito restrita. Outros trabalhos são publicados por editoras universitárias ou comerciais locais, também de pequena circulação. Raramente são publicados por editora de abrangência nacional. Há ainda várias comunicações em simpósios ou trabalhos de conclusão que não foram publicados, ou seja, textos avulsos datilografados, o que dificulta sobremaneira sua localização e consulta. Estão citados em obras publicadas, provavelmente consultados por pesquisadores que, como costuma acontecer, fazem a “varredura” do que foi produzido sobre o tema de seu interesse. Eu os localizei em geral graças às indicações de colegas, consulta a catálogos, fichários de bibliotecas ou listas bibliográficas constantes em outras publicações. Por tudo isso, a formação de um corpo bibliográfico sobre a história operária fora do eixo Rio-São Paulo depende também do acaso e devem existir muitas outras obras que ignoro. O desconhecimento do que vem sendo produzido nos diferentes estados e a dispersão dessas obras são grandes dificuldades quando pretendemos sair do âmbito Rio-São Paulo, quer como referência bibliográfica, quer como objeto de investigação. Apesar desses limites, farei alguns comentários sobre o que já consegui localizar.

1- Sobre as teses e dissertações: Nessa lista de 569 títulos, constam 109 dissertações de mestrado produzidas entre 1973 e 2004, sendo que 1994 foi o ano com maior produção (10). Seguem-se os anos de 1982, 1985 e 1999 com 7 trabalhos cada. Quanto ao doutorado, localizei 21 teses, produzidas entre 1973 e 2004, (uma ou no máximo duas por ano). A maioria são de história, mas há algumas de sociologia, antropologia, educação, economia e ciência política. Essas teses/dissertações foram

produzidas principalmente nas seguintes universidades: 29-UFRGS; 18-PUCRS; 18-UNICAMP; 12-UFSC; 11-UFPE; 9-USP; 6-UFBA. Três trabalhos foram realizados no exterior. Dessas 130 teses ou dissertações, aparentemente apenas 16 foram publicadas como livros; também através da afinidade de títulos observa-se que cerca de 65 artigos sobre seus respectivos temas foram publicados em revistas acadêmicas. Isto é um indício forte da dificuldade da circulação dessas pesquisas de pós-graduação, considerando os limites de consulta de trabalhos inéditos, mesmo quando depositados nas bibliotecas das instituições acadêmicas. Sabe-se também que teses e dissertações muitas vezes são recusadas por editoras- as universitárias inclusive- por seu caráter “pouco comercial”. Além disso, é bastante irreal a possibilidade da consulta *on-line* dessa bibliografia, pois a maioria das obras não está disponível. Os próprios *abstracts* são pouco acessíveis, ou porque não existem ou porque são apenas referentes aos últimos anos. Assim, o suporte papel continua a predominar para sua consulta.

Examinado o conteúdo das teses ou dissertações, mesmo de forma breve e de uma parcela delas, observa-se que em geral tem o perfil de trabalhos pioneiros: abrangem um espaço de tempo de várias décadas, partindo das origens do movimento operário e tem uma extensão temática ampla, não restrita a um caso ou conjuntura específica. Enfim, parece que a explicação de Eliana Dutra sobre as motivações iniciais de sua tese, publicada em 1988 com o título *Caminhos operários nas Minas Gerais*, poderia de um modo geral ser estendida a esta categoria de trabalhos. Pergunta ela: “*O que se sabe da classe operária em Minas Gerais? Que fatores internos e externos a seus movimentos determinaram, então, possivelmente os contornos de suas experiências?*” Se pouco se sabia sobre a ação e expressão da classe, não faltavam, no entanto, exemplos de greves, associações, participação em Congressos e referências a classe operária de Minas Gerais em cronistas como Hermínio Linhares, Jover Telles, Edgar Rodrigues e Everardo Dias. “*Contudo, -prosegue a Autora,- sua história permaneceu até agora como*

uma zona obscura, ainda não devassada pelos historiadores”. Penso que isso levou os autores dessas teses e dissertações ao trabalho obrigatório de construir as referências iniciais que legitimassem o objeto de pesquisa. Ou seja, não haveria como analisar uma greve ou as condições de vida e trabalho dos operários de um determinado local sem estabelecer um conjunto de outras questões e temas a partir dos quais as greves ou as condições de vida pudessem ser entendidas. Mais difícil ainda seria, nessas circunstâncias onde não existe um conjunto expressivo de pesquisas, enfrentar questões mais específicas, que já são freqüentes em meios acadêmicos com uma produção consolidada sobre a história operária, como São Paulo, e dentre as quais cito, por exemplo, a dissertação de Artur José Renda Vitorino, publicada em 2000 com o título *Máquinas e operários. Mudança técnica e sindicalismo gráfico -São Paulo e Rio de Janeiro, 1858-1912*. Nas dissertações e teses que estou comentando, observa-se também -e sem que isso signifique uma uniformidade em suas propostas analíticas- uma certa recorrência dos temas clássicos da historiografia operária: o processo de industrialização, origens da classe e do movimento operário, condições de vida e trabalho, greves, associações operárias, relações com o estado e com a burguesia. As bibliografias aí apresentadas registram também uns poucos (e pequenos) textos sobre o movimento operário dos respectivos estados, o que atesta o pioneirismo dos trabalhos citados. O livro de Regina Duarte, publicado em 1991, *A imagem rebelde: a trajetória libertária de Avelino Fóscolo*, talvez seja um dos que mais avançou em termos de renovação de abordagem; sua concepção de biografia é informada pelo então melhor e mais atual da reflexão sobre o tema e recebeu o suporte das discussões que se desenvolviam na pós-graduação da UNICAMP. Sua dissertação tornou-se uma referência indiscutível para os estudos biográficos. Mas também não podemos esquecer que ela pôde contar com os trabalhos anteriores de Eliana Dutra, sem os quais sua proposta teria encontrado dificuldades talvez intransponíveis.

Via de regra, essas teses ou dissertações utilizaram um rico repertório iconográfico e hemerográfico, (em vários casos reproduzidos no texto), bem como fontes primárias de diferentes origens, especialmente das Bibliotecas e Arquivos Municipais, materiais que ampliam muito o âmbito heurístico da pesquisa sobre a história operária no Brasil, incorporando uma documentação até então ausente porque desconhecida. Convém observar que as obras citadas, sem exceção, são devedoras em alguma medida do acervo do Arquivo Edgar Leuenroth da UNICAMP, demonstrando mais uma vez papel insubstituível dessa instituição para a história operária dos vários estados, o que não tira o mérito dos pesquisadores que de modo pioneiro analisaram essas fontes. Todos os trabalhos se referem de alguma maneira ao ineditismo que representaram e mesmo ao impacto que causaram: Adelaide Gonçalves Pereira em sua tese *A imprensa dos trabalhadores no Ceará de 1862 aos anos de 1920*, defendida em 2001, relata que, ao consultar jornais de Fortaleza em um arquivo de S. Paulo, foi interrogada por uma incrível pesquisadora: “Mas há mesmo um movimento operário no Ceará nesse período?”. John French, prefaciando em 2000 o livro *Na trama da história. O movimento operário em Sergipe -1871 a 1935*, de Frederico L. Romão, declara que a obra evidencia que a história operária no Brasil estava finalmente começando a transcender as limitações geográficas do passado. Leôncio Martins Rodrigues, comentando *Os caminhos operários nas Minas Gerais*, reconhece que a autora reconstrói uma história que parecia inexistente no sindicalismo brasileiro: a do operariado de Juiz de Fora e Belo Horizonte nos primeiros anos da República, permitindo que ele próprio relativizasse certas afirmações que tinha feito a partir de suas pesquisas sobre São Paulo. Sílvia de Andrade, na Introdução de seu livro publicado em 1986, *Classe operária em Juiz de Fora, uma história de lutas (1912-1924)*, escreve: “Percebíamos (...) a necessidade da descentralização da pesquisa histórica em relação a S. Paulo e Rio de Janeiro e a importância de trazer à luz como se movimentara a classe operária em um Estado que,

*embora não possuísse uma indústria tão desenvolvida como a dos dois estados vizinhos, contava com unidades fabris tradicionais e com centros industriais de alguma importância”. José Raimundo Fontes, apresentando em 1982 sua dissertação *Manifestações operárias na Bahia. O movimento grevista, 1888-1930*, reconhece a centralidade de S. Paulo e Rio de Janeiro na história operária, mas observa ser “de capital importância que se alargue a dimensão geográfica das investigações sobre a classe operária, agora a nível de outras regiões, no sentido de corroborar as explicações existentes, enriquecendo-as, ou modifica-las, contribuindo assim para a elaboração de um conhecimento mais sólido sobre a gênese e o desenvolvimento histórico da classe operária brasileira e do próprio país.” Finalmente, Alcir Lenharo destaca o empenho de Regina Horta Duarte em resgatar a biografia do libertário Avelino Fóscolo, “no mínimo um literato de expressiva produção em Minas Gerais, mas sintomaticamente esquecido, em grande parte face ao caráter engajado de sua obra.”*

2- Tratarei agora do conteúdo desses 569 trabalhos para tentar estabelecer seu perfil, ainda que muito genérico. Às vezes os títulos são extremamente vagos e em outros casos abrangem diferentes temas, pelo que essa classificação é apenas indicativa. Também observo que 341 autores são os responsáveis pelo conjunto dessa produção, que está bem distribuída entre eles, à exceção de 4 autores, que tem uma produção mais numerosa. Predominam os seguintes temas, considerando o que consta nos títulos: Biografias e memórias-46; Sindicalismo, movimento sindical, sindicatos-38; Movimento operário, classe operária, classe trabalhadora, trabalhadores-36; Transição para e trabalho livre, migrações, imigrantes, etnias e mercado de trabalho-36; Greves-31; Estado, partidos políticos (operários ou não) e movimento operário-30; Comunistas, PCB, anti-comunismo-28; Imprensa e meios de comunicação operários-28; Condições de vida, trabalho, lazer, família, relações sociais -26; Trabalho feminino e infantil-20; Obras de referência bibliográfica, inventários de fontes, avaliações historiográficas-19;

Anarquismos-18; Socialismos-17; Mutualidades, cooperativas-12; Trabalhadores do transporte fluvial, portuários e estivadores-12; Resistências, tumultos, revoltas, guerrilha-12; Colônia Cecília, Erebango e falanstérios-11; Círculos operários e Igreja católica-11; Identidade de classe, identidade étnica-11; Educação e cultura-7; Questões teórico-metodológicas-7; Ferroviários e ferrovias-7; Exploração, disciplina, controle, repressão e punição-7; Análises comparativas interestaduais e internacionais-6; 1º de maio-5; Trabalho, cidadania, exclusão social-4; Consciência e formação da classe-5; Clevelândia, deportações-3; Produção simbólica de trabalhadores-3; Congressos operários-3.

Apesar de uma significativa contribuição para a história operária brasileira, estes trabalhos ainda constituem “ilhas” de informações a espera da construção de algumas “pontes” que as integrem, quando for o caso, em um único processo. Isto é bem mais complicado; não possuímos ainda uma “acumulação originária” de pesquisas para um investimento analítico desse porte, mas estamos provavelmente no caminho. Talvez uma possibilidade nesse sentido fosse a identificação de algumas questões de âmbito nacional que pudessem servir de enlace interestadual e que permitissem um tratamento comparativo. Por exemplo, a conjuntura das greves de 1917, as grandes causas que comoveram nacionalmente os operários como a execução de Sacco e Vanzetti, os efeitos da deflagração das guerras, a deportação de militantes, os congressos operários da COB etc. É certo que a história operária não se expressa apenas por esses tipos de manifestações, mas provavelmente seria um caminho analítico útil. Outra forma de estabelecer esta visão mais integrada talvez fosse trabalhar com questões envolvendo a circulação dos militantes e das idéias através dos diferentes centros em que o movimento operário ia se constituindo. Nesse sentido, quero mencionar a pesquisa que estou fazendo sobre a circulação da imprensa operária e sobre várias formas de circulação dos militantes, quer em missões de propaganda ou representação, quer nas várias circunstâncias de fuga ou deportação ou por efeito da própria mobilidade inerente a

algumas categorias profissionais. Uma providência preliminar, entretanto, está na base de qualquer projeto voltado para um tratamento mais abrangente e descentralizado da história operária brasileira: é preciso uma análise mais metódica dessa produção local de teses, dissertações, artigos e comunicações, procurando a partir dela construir algumas hipóteses de trabalho que rompam com as visões localistas da história operária. Na medida do possível, estou tratando de obter cópias dos trabalhos para constituir um material disponível no Núcleo de Pesquisa em História do IFCH da UFRGS, que já possui um respeitável acervo bibliográfico e hemerográfico referente ao movimento operário no Rio Grande do Sul. Outra possibilidade seria obter e abrigar essa bibliografia no Arquivo Edgar Leuenroth, não apenas por sua reconhecida competência, prestígio, capacidade de organização como por sua localização e facilidade de consulta, em muitos casos *on-line*. Colaborações para essa pesquisa podem ser enviadas para o endereço spetersen@orion.ufrgs.br